



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

LARISSA CRISTINA PONCE DE LEON XAVIER

**COMPREENSÃO DA FILOSOFIA COMO MÉTODO DE EMPODERAMENTO DO
INDIVÍDUO**

MONOGRAFIA

Brasília - DF

2020

LARISSA CRISTINA PONCE DE LEON XAVIER

Filosofia da Educação

Compreensão da Filosofia como Método de Empoderamento do Indivíduo

Trabalho de conclusão de pesquisa apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de bacharela/licenciada em Filosofia pela Universidade de Brasília.

Professor Orientador: Wanderson Flor do Nascimento

Banca:

Brasília – DF

2020

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho e os futuros, primeiramente aos meus pais: Luiz Carlos Borges Xavier e Tereza Cristina Ponce de Leon Xavier e aos pais deles, meus avós. Por terem batalhado desde sempre e me possibilitado o melhor deles. Por terem criado quem sou e terem me possibilitado alcançar minhas metas a partir disso. Não somente, por terem me apresentado a percepção clara, real e muitas vezes desgraçada da realidade da vida que todos estamos inseridos, em especial as minorias. Por terem me demonstrado a partir de gestos e palavras, o quão é necessário fornecer apoio a quem não o tem e atemporal é, que sejamos humanos e nos sensibilizamos com a realidade de muitos.

Pelo respeito, pela doçura e comprometimento de tentar fazer a diferença por mínima que seja; de ver beleza na vida, de vê-la na multiplicidade de ideias, a partir de diferentes gêneros, raças/etnias, orientação sexual, religião, classe social, deficiência. Por pensar e aspirar um mundo melhor, dedico esse trabalho aos meus antepassados que me auxiliaram a chegar até aqui e me ajudaram a ser quem eu sou. Aos meus irmãos Diogo, Felipe e Alberto, que me auxiliaram nesse difícil e delicioso trajeto que me trouxe de volta a mim e a compreensão de que a vida deve ser mais ampla a fim de tornar-se frutífera. Aos meus animaizinhos que a partir de suas personalidades me mostraram desde muito cedo, que o que vela a consciência é precisamente a falta desta e que decorre de uma ideia narcisa humana e prepotente muitas das vezes. Agradeço a Universidade de Brasília pelo apoio durante esses anos de graduação, aos mestres que muito me ensinaram nesse caminho, em especial meu orientador Wanderson Flor do Nascimento. Aos bons amigos que fiz nesta e guardarei pra sempre, em especial aqueles que perdi nesses anos de graduação.

Por fim e mais importante, dedico e agradeço à Filosofia, que dentre a mais bela de todas as damas pude encontrar uma grande amiga e conselheira que esteve por mim quando mais precisei e me auxiliou em meus pensamentos e ideias. Por esta ter-me auxiliado no meu processo de maturação e desenvolvimento, por ter me guiado em meio a tantos obstáculos que ultrapassei nesses anos de graduação, e ter-me feito mais humilde, consciente de quem sou e aberta a entender quem são os outros. Por ter-me dado a possibilidade de encontrar em ti uma verdadeira e fiel amiga que julgo eu, acompanhá-la-ei por toda a minha vida.

Agradeço primeiramente aos meus pais e família, por conseguinte a(o)s poetas, filósofa(o)s, em especial os infantes em formação. Que este trabalho possa sensibilizar e convidar aos amantes, os palhaços e todos que por aí circulam e buscam se encontrar. Tendo em vista que se trata de uma proposta humilde, porém desafiadora de enxergar um mundo mais igualitário e tranquilo de se existir e (re)existir. Que esse trabalho possa conduzir ao despertar e ao esclarecimento de todo e qualquer indivíduo tendo em vista a pluralidade de cor, raça, gênero, idade, tamanho etc. Que doravante, eu possa auxiliar no entendimento e na *Compreensão da Filosofia como método de empoderamento do indivíduo* e num maior contato com a filosofia a partir deste método e que, dessa maneira, possa somar no empoderamento de todo e qualquer indivíduo.

Que com auxílio deste trabalho você possa encontrar na filosofia uma amiga fiel tal qual como eu. Que possa encontrar nessa amiga uma amizade verdadeira que te auxilia a pensar melhor, a refletir melhor, se entender melhor e conseqüentemente a entender melhor os outros e o mundo no qual existimos. E quem sabe, que essa amiga te auxilie a errar menos ou melhor. Que a partir deste texto você entenda que a filosofia existe, que ela está viva e que deve ser incitada e compreendida enquanto história e sobretudo, como um método de empoderamento do indivíduo.

RESUMO

Este trabalho tem como ideia principal uma visão mais abrangente acerca do tema *Compreensão da filosofia como método de empoderamento do indivíduo*, tendo em vista que a filosofia é uma área do conhecimento muito importante que estuda a teoria do pensamento e que pode auxiliar na formação de todo e qualquer indivíduo a partir da construção de um pensamento crítico e autônomo. É importante lembrar que ao longo da história a filosofia foi obscurantizada, deturpada e que isso persiste ainda nos dias atuais. Podemos dessa forma perceber que isso não ocorre à toa, exatamente por essa ser capaz de contribuir cognitivamente o indivíduo que com ela se compromete. A filosofia desta forma, possui o potencial de colaborar com o indivíduo em suas ideias, na construção de conceitos afim de este lidar melhor com suas ideias e pensamentos e sua vida de forma geral. Desta forma, este trabalho consiste em uma apresentação e um caminho bem “traçado” desde a compreensão do que é filosofia segundo alguns autores até a compreensão do que seja esta nos dias atuais e como ela pode nos auxiliar em nossas vidas como método de empoderamento. Utilizando-nos como a experiência do pensamento que ao passo da criação de um conceito nos possibilita um pensamento mais crítico e autônomo. A proposta visa assim esclarecer e notificar os interessados que a filosofia, mais do que um “simples” amor ao saber, também nos apresenta uma vasta e rica história além de um método que nos auxilia em nossa autocrítica, autocracia, alteridade e empoderamento.

Palavras-chave: Empoderamento. Autocrítica. Reflexão. Diversidade. Multiculturalismo. Ética. Filosofia. Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – O QUE É A FILOSOFIA?	10
1.1 O que é filosofia segundo Deleuze e Guattari	11
1.2 O que é Geofilosofia?	12
CAPÍTULO 2- DIVERSIDADE, MULTICULTURALISMO E INCLUSÃO/EXCLUSÃO SOCIAL	
2.1 O que é multiculturalismo?	13
2.1.1 Preconceito e estigma	14
2.2 O QUE É EMPODERAMENTO?	15
2.2.1 O FEMINISMO E O EMPODERAMENTO	17
CAPÍTULO 3 - FILOSOFIA E EDUCAÇÃO	
3.1 Filosofia e educação como uma pedagogia revolucionária e de resistência - A filosofia como uma prática da liberdade.	18
3.2 FILOSOFIA NAS ESCOLAS	20
3.2.1 Filosofia com crianças	21
3.2.2 Filosofia no Ensino Médio	23
3.3 O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DA FILOSOFIA	26
Considerações Finais	28
BIBLIOGRAFIA	30

INTRODUÇÃO

A admiração é própria da natureza do filósofo; e a filosofia deriva apenas da estupefação. (PLATÃO, Teeteto, 369 a.c)

Se queres a verdadeira liberdade, deves fazer-te servo da filosofia. (EPICURO, Sêneca, Cartas a Lucílio, c. 65 dC)

Toda a arte e toda a filosofia podem ser consideradas como remédios da vida, ajudantes do seu crescimento ou bálsamo dos combates: postulam sempre sofrimento e sofredores. (NIETZSCHE, A Gaia Ciência, 1882)

Levar o real até a ação como uma flor desliza para a boca ácida das crianças novas. Conhecimento inefável do diamante desesperado (a vida). (CHAR, Feuilletts d'Hypnos, 1946)

Ao estudarmos filosofia é possível ter a experiência de que essa pode nos auxiliar em nossas ideias, na construção de nossos pensamentos, a pensar de forma mais organizada e sistematizada. Isso ocorre porque a filosofia nos ajuda a formar conceitos, a formulá-los, reformulá-los, e recriá-los. A partir da compreensão que temos de nós mesmos e do mundo, nós somos capazes de formar ideias, conceitos que nos ajudam a nos entender melhor e ao mundo no qual existimos. Dessa forma, a filosofia tem potencial de ser uma grande aliada do nosso pensamento e da forma como os formulamos. Isso é possível desde a leitura e apreensão do conteúdo existente nos livros de diversos autores ao longo da história da filosofia até a compreensão desta como um método que pode auxiliar a organizar, sistematizar e conceituar nossas ideias podendo afetar assim a realidade e contribuir diretamente com as pessoas por meio dos seus modos de pensar e com o próprio conhecimento em si. Desta forma, a trajetória extensa na elaboração desse conhecimento tem potencial de nos proporcionar em seu exercício o fortalecimento de uma autonomia cognitiva e a construção de uma consciência sobre quem somos e onde vivemos.

Diferentemente do que se pode imaginar, o papel da filosofia ou do filósofo não consiste em elaborações abstratas. Como dito anteriormente, a filosofia é a área do saber que estuda o conhecimento por meio de suas elaborações conceituais no sentido de nos auxiliar em nossa realidade por meio de uma maior autonomia sob essas formulações e tem como enfoque estudar, refletir e compreender o conhecimento em si. A filosofia é em si o exercício reflexivo sobre a origem do pensamento¹ e por sua vez, de todas as ciências - sem

¹ epistemologia ou teoria do conhecimento (do gr. episteme: ciência, e logos: teoria) Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo); b) a filosofia das ciências (empirismo, racionalismo etc.); c) a história das ciências. Significado de Epistemologia, dicio, dicionário de português online, 2020, Disponível em: <http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf>

as quais nada seríamos - além de ser o alicerce de um pensamento crítico essencial a qualquer processo de empoderamento.

A filosofia tem como enfoque estudar, conceituar e compreender o conhecimento em si. Embora esta não seja elucidativa ou objetiva, por se tratar de um exercício crítico do pensamento e do conhecimento e mesmo que não apresente respostas dogmáticas e infalíveis, ela pode nos orientar a questionar a conveniência das certezas nos auxiliando quando a finalidade desse exercício do pensar é a busca pelo conhecimento e a criação de conceitos. A fim de melhor pensarmos este conhecimento é necessário romper com as estruturas de conhecimento tácitas e partir ao encontro da dúvida e dos questionamentos. Ao “final” é possível perceber o quanto podemos nos desenvolver enquanto seres que não somente são levados pelos seus pensamentos e decisões pragmáticas, mas que encontram no exercício filosófico um estado de dúvida que nos orienta para um devir:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 67)

Este trabalho tem como objetivo principal explorar a filosofia enquanto uma disciplina que pode ser estudada em qualquer série escolar, por qualquer pessoa, em qualquer contexto e pensá-la como um possível método de empoderamento que todo indivíduo tem a capacidade de desenvolver a partir do pensamento crítico que questiona e constrói conceitos, que será desenvolvido a partir da noção de poder pessoal ou empoderamento. A filosofia nesse cenário se torna uma ferramenta de auto-noção e pode nos auxiliar a pensar de forma conceitual a fim de lidarmos melhor com nossas vidas e problemas diários. Ao passo da construção de um conceito, da elaboração de um pensamento que pensa sobre si e o mundo externo o sujeito é capaz de pensar por si mesmo desenvolvendo assim sua autocrítica, sua autonomia, empoderando-se e desenvolvendo seu modo de pensar e suas ideias. É importante lembrar que a possibilidade de se compreender a filosofia enquanto método de empoderamento é uma compreensão que pode se dá em todo e qualquer indivíduo, seja ele pertencente a qualquer gênero, raça, etnia, orientação sexual, religião, classe social, deficiência. Dessa forma, podemos definir empoderamento como sendo:

O empoderamento é um processo de autoidentificação, criação e utilização de recursos e instrumentos pelas pessoas, grupos e comunidades que se traduzem em um acréscimo de poderes e que lhes permitem aumentarem a eficácia do exercício de sua cidadania. Ou seja, o empoderamento baseia-se no estabelecimento de e responsabilidade às pessoas na tomada de decisões e ações. autonomia (MACIEL, Diva Albuquerque, 2015, p. 37)

A partir do encontro com a dúvida podemos nos questionar, questionar acerca do mundo que vivemos, pensar a partir de nós mesmos, sobre antigas convicções e formar novas. Dessa forma somos capazes de realizar rearranjos em nossas próprias ideias, fortalecendo assim uma noção maior sobre nosso pensamento como potência de empoderamento e sistematização de ideias que se manifestam em novas proposições com o objetivo de vivermos melhor com nós mesmos e com o mundo em que vivemos. E é a partir dessa conexão com nossa razão, com nossas próprias ideias, dúvidas, convicções e de uma atenção plena a essas reflexões que a filosofia nos permite o autodesenvolvimento.

O interesse em estudar e conciliar a filosofia com o processo de empoderamento advém de uma experiência pessoal que tive com a filosofia ao longo do curso e de um contato direto da filosofia enquanto método e ferramenta dessa busca para o indivíduo dentro de salas de aula e em relações interpessoais. Ao nos apropriarmos dos processos pelos quais elaboramos nossos pensamentos podemos estar conscientes de que somos protagonistas e sujeitos realizadores de nossas próprias vidas. Esse ato nos proporciona autonomia, elaborando desta forma um senso de auto-responsabilidade que é de extrema importância no desenvolvimento individual, sobretudo para crianças e jovens.

Com o objetivo de deslocar a filosofia de um conhecimento estritamente eurocêntrico e elitista, o presente trabalho pretende entrar em contato com diferentes saberes, trabalhando e apresentando a diversidade existente de epistemes e diversos poderes². É importante salientar que a intenção de realizar esse “deslocamento” do saber da filosofia enquanto algo puramente advindo do grego antigo é propor não somente a diversidade de diferentes perspectivas filosóficas e ideias que existem, mas também, reafirmar a existência da filosofia para além dos saberes disciplinados.

No primeiro capítulo proponho uma abordagem acerca do tema: O que é filosofia? que define a Filosofia como a arte de fazer conceitos, de fabricar conceitos. A partir disso, os autores da obra nos propõem uma abordagem diferente acerca da filosofia que visa um abandono da esfera técnica da análise conceitual e seja orientada a um mergulho na tarefa propriamente filosófica da construção de conceitos. Na obra em questão os autores conseguem nos auxiliar na proposta deste trabalho por compreender a filosofia enquanto método de empoderamento desses processos individuais e simbólicos; que ajuda o sujeito

² poderio, particularidade do que é potente; em que há poder; poderoso ou potência. Significado de Poderios, dicio, dicionário de português online, 2020, Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/poderios/> >

filosófico, o criador de conceitos, a partir de sua realidade e contexto e procura perceber o mundo e, a partir disso, transformá-lo ao passo de um conceito.

No capítulo 2, proponho um maior contato da filosofia com o conceito de multiculturalismo³ como caminho possível para o empoderamento como processo individual de todo e qualquer indivíduo. De forma que o entendimento do poder pessoal, dos pensamentos, das ideias, das vontades e do respeito à alteridade podem ser entendidos como meios de universalizar o conhecimento filosófico e o empoderamento de forma horizontal. Buscando esclarecer a importância dessa noção e como esta pode abarcar quaisquer grupos que se associam em torno de uma experiência comum e de uma posição de minoria com especificidades, tendo o empoderamento sido assumido enquanto “movimento” na história do feminismo.

A partir desses conceitos de empoderamento e auto poder das pessoas entendidas como deficientes⁴ e outras minorias, como as mulheres, por exemplo, e por isso, estigmatizadas, busco a noção do poder sobre si como algo inerente a todo indivíduo.

Por fim, no capítulo 3, “Filosofia e Educação”, busquei tratar sobre a importância da filosofia para a educação, a partir da obra “Filosofia e educação como uma pedagogia revolucionária e de resistência - A filosofia como uma prática da liberdade”, de bell hooks, trazendo a educação como um ato revolucionário, emancipatório e o pensamento filosófico fundamental para se educar de maneira efetiva. Busquei também a partir do auxílio do documento BNCC e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) que define um norte para os currículos dos sistemas e redes de ensino público das Unidades Federativas e propostas pedagógicas para todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, nos quais são estabelecidos conhecimentos, competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes em sala de aula. É importante lembrar que o documento possui como função determinar as disciplinas e conteúdos que devem ser trabalhados nas escolas em todo o Brasil e que deve ser questionado e reformulado enquanto tal. Isso porque tal documento precisa ser modificado a fim de termos a disponibilidade de trabalharmos assuntos diversos e que contribuem pra

³ a coexistência de formas culturais, ou de grupos caracterizados por culturas diferentes, no seio das sociedades modernas presentes em todas as sociedades denomina-se multiculturalismo. O multiculturalismo busca que se reconheça e se respeite a diversidade (Da coexistência à convivência como outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade, 2012)

⁴ a definição de um outro a partir da noção de ausência

formação dos alunos mas que ao longo da história de nosso país foram silenciados e muitas vezes retirados do currículo escolar. Analisei também a obra *Filosofia no Ensino Médio* (2000), que defende que Filosofia é a experiência fundamentalmente do pensamento que nos permite equacionar um determinado problema e que o principal objetivo da aula de filosofia é o de oportunizar ao estudante a possibilidade da experiência filosófica, ou seja, a experiência com o pensamento conceitual, sendo que trazer esse saber para o professor do Ensino Médio acaba por possibilitar e deve viabilizar essa perspectiva na disciplina Filosofia através do exercício que todos os filósofos sempre fizeram. A proposta é pensar de que modo o pensamento e sobretudo a filosofia como parte constituinte da educação é potencial para esse desenvolvimento do autoperceber individual e coletivo e porque essa esfera vem sofrendo tantos ataques e uma crescente desvalorização. A Escola deve ser o espaço para atividades diárias que suscitam o ato de filosofar não somente como algo referente somente à reflexão, mas algo que compreende o mundo de forma cotidiana para acessar aos outros, as diversidades e as outridades.

Sendo assim a filosofia foi uma dessas coisas que o ser humano criou para reinventar o seu mundo, entendê-lo, compreendê-lo, porque o ser humano é um ser intelectual e cultural e não um ser estritamente biológico. O ser humano nasce da natureza, mas vive no mundo do pensar, agir e da cultura. Dessa forma, a filosofia pode ser entendida como a arte dentre tantas outras áreas do saber participante e constituinte desse mundo. A filosofia pode preocupar-se em desvelar ou criar conceitos para dar conta de partes da realidade ou mesmo uma experiência.

Dessa maneira, o objetivo do trabalho é elucidar a ideia que a função da filosofia é a de nos potencializar a processos de realização, autonomia, esclarecimento, além de uma potência transgressora a partir da criação de conceitos e de um pensamento essencialmente crítico que nos a possibilidade de uma vida mais harmoniosa. A filosofia faz parte de toda construção e contribuição do mundo tal qual como o conhecemos, sendo necessário que recorramos e nos dediquemos a esses pensamentos de forma a nos compreendermos melhor.

Ela pode aparecer assim, como uma atividade viva e emancipatória no mundo. Ou seja, a filosofia tem potencial de nos auxiliar na construção do mundo imaginário que o ser humano necessita pra viver, para existir, para construir a sua vida de forma mais harmônica, emancipatória e realizadora e isso vale para todo e qualquer indivíduo que com ela se compromete.

CAPÍTULO 1 – O QUE É A FILOSOFIA?

Quando ouvimos a palavra filosofia podemos pensar em pensamento crítico ou em sabedoria. Dessa forma, é interessante que iniciemos este trabalho nos perguntando sobre que pensamento é esse, afim de assim de melhor compreendê-lo e entendermos também de forma clara que reflexão e sabedoria a qual estamos nos referindo. Tendo isso em vista, proponho primeiramente uma discussão acerca do tema “O que é a filosofia?”, a fim de que possamos melhor compreender esse pensamento, sua origem, sua importância e como ela pode contribuir e nos auxiliar.

Talvez só possamos colocar a questão: O que é a filosofia? Tardamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as eras. (DELEUZE E GUATTARI, 1992. p 2)

Nos dias atuais somos capazes de perceber nitidamente um profundo mal-estar na filosofia como se essa disciplina passasse por um processo de banalização e obscurantização e estivéssemos cada vez mais distantes do pensamento e da sabedoria. Por ser uma área do conhecimento que busca a partir da dúvida e da crítica que o indivíduo questione e duvide, instituições de controle e poder guardam um profundo ressentimento com a filosofia, por esta ser capaz de auxiliar no pensamento e na forma de como se pensa. É importante lembrar que a filosofia não é uma área homogênea e que sua função não se resume a algo em específico; é necessário desta forma considerar as inúmeras possibilidades que a filosofia nos oferece e neste caso, neste trabalho, como potência para um pensamento crítico e como um possível “caminho” para empodera-se. Dessa forma a filosofia sofre ataques, como desde sempre sofreu, exatamente por se tratar de um instrumento de auto-aperfeiçoamento, de estímulo do

pensamento, o que acaba por nos conduzir a um pensamento próprio e a nos libertarmos de ordens e dogmas impostos. O que gera muito medo e repulsa aos que desejam controlar e impor.

Iniciando nossa discussão sobre este tema, utilizarei como base para a discussão a obra “O que é filosofia?” dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992). Na obra em questão os autores nos proporcionam um estudo acerca deste tema e a partir desta, os autores definem filosofia como “a arte” de criar conceitos, inventar, fabricar e definem que o filósofo é um conceito em potência, um amigo do conceito. Dessa forma, é importante nos dedicarmos a construção, a criação de conceitos propriamente dita e nos questionarmos se uma vez que a filosofia é a disciplina que auxilia na construção, na criação de conceitos, o que há anteriormente à essa criação?

Mesmo que seja vertiginoso o raciocínio, os autores conseguem nos explicar como ocorre a criação desses conceitos e também conseguem nos passar a ideia a respeito do movimento do pensamento, do que há de vertiginoso na ciência e na arte, por exemplo. Para os autores da obra tal como a filosofia, a ciência e a arte são planos irreduzíveis para o filósofo e base de todo conhecimento humano criado. Essas três instâncias da instauração filosófica, corresponderão às instâncias simétricas da instauração artística e científica:

[...] plano de imanência da filosofia, plano de composição da arte, plano de referência ou de coordenação da ciência; forma do conceito, força da sensação, função de conhecimento; conceitos e personagens conceituais, sensações e figuras estéticas, funções e observadores parciais. (DELEUZE e GUATTARI 1992, p.277)

A filosofia é fluída e flexível ao passo de um conceito que pode nos possibilitar um entendimento mais amplo e melhor sobre nós mesmos, as coisas e o mundo.

1.1 O QUE FAZ UM FILÓSOFO ?

Ainda nos mantendo fiéis à pergunta proposta pelos autores de “O que é filosofia?” e à resposta a esta questão que não variou até então, em que os autores definem que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, é importante que tentemos compreender a partir destas respostas também o que querem dizer quando questionam ao longo do texto: O que seria um filósofo se não um criador de conceitos? (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 10).

Como vimos anteriormente, após uma reflexão acerca de suas carreiras como filósofos e de suas trajetórias ao longo da filosofia, Deleuze e Guattari nos respondem que a filosofia tem o papel de criar conceitos, o que implica em dizer que o papel da filosofia não é necessariamente de descobrir essências, realidades ou desvendar novos mundos como defendem muitos filósofos ao longo da tradição. É importante salientar que esta definição de filosofia não seja a única, levando-se em conta que cada filósofo conceitua suas ideias a partir de seu contexto, época e de suas próprias ideias que podem e diferem uns dos outros.

Na obra *O que é filosofia?* (1992) os autores descrevem uma ilha a fim de melhor desenvolver como ocorre a criação de conceitos. Nesta ilha, enquanto que o plano de imanência é o mar, a água que toca a ilha, a diferença existente entre a ilha e a água é o conceito que se encontra na imanência, que é móvel ao contrário da ilha e pode entrar em conexão com outros conceitos da filosofia. O conceito se movimenta num certo plano de imanência e eis que surge o “personagem conceitual” que habita no filósofo e por vida própria articula os conceitos e faz com que eles se movimentem dentro do plano de imanência. Os conceitos são móveis e provisórios, o conceito ajuda na simulação do filósofo a fim que ele construa conceitos que decorrem daquele plano de imanência e só pode ser criado a partir do plano de imanência e este plano de imanência só pode ser desenvolvido a partir de um personagem conceitual, que habita um plano e se desloca sobre este extraindo conceitos e os autores desenvolvem a figura do personagem conceitual a partir disto.

1.2 O QUE É GEOFILOSOFIA?

Qual a relação do pensamento com a terra? (DELEUZE e GUATTARI, *O que é filosofia?* p. 84. 1992)

O termo geofilosofia foi criado pelos autores Deleuze e Guattari com o objetivo de configurar esse espaço de convivência em que se dão o conceito, a personagem conceitual e o plano de imanência; com o termo *philia*, referente ao personagem conceitual, aquele que preza pelo conceito bem feito, que assimila e desassimila componentes para formá-lo, no caso o filósofo.

A personagem conceitual, ou seja, o filósofo, segundo os autores, é uma figura que articula os conceitos, ao mesmo tempo que constrói, os desconstrói. E por fim, com a junção

da palavra *sophia*⁵, que são os conceitos, a Sabedoria propriamente dita, o resultado de imanência bem traçado e dos personagens conceituais andando por esse plano de imanência. Segundo os autores, os conceitos são componentes que se condensam, se coagulam, que insistem bastando apenas que um acontecimento ocorra para que eles possam ser utilizados ou necessitem ser atualizados. Em síntese, o conceito de Geofilosofia segundo os autores é o que abrange: os conceitos, o plano de imanência e o personagem conceitual. Deleuze explica e relaciona a partir da etimologia da palavra filosofia que o conceito de geofilosofia deve ser referente ao *geo* ao plano de imanência, *philo* ao personagem conceitual que é amigo, mas também inimigo, no sentido que auxilia o personagem conceitual a criar e destruir conceitos ao mesmo tempo e a *sophia* se liga à idéia de conceito.

Sendo assim, a obra tem como objetivo retratar a filosofia como uma geofilosofia, que nos auxilia e nos protege do caos de maneira muito mais efetiva que a opinião, a contemplação, a reflexão ou mesmo a discussão.

CAPÍTULO 2 - DIVERSIDADE, MULTICULTURALISMO E INCLUSÃO/EXCLUSÃO SOCIAL

2.1 O QUE É MULTICULTURALISMO?

Uma vez que a Filosofia pode nos auxiliar a compreender melhor o mundo e nós mesmos, ao passo da criação de um conceito é importante pensar na multiplicidade desses conceitos criados e nesses personagens conceituais os criam. É necessário considerar que esse potencial que a filosofia tem de nos auxiliar em nosso pensamento crítico pode ser exercido por todo e qualquer indivíduo, levando-se em conta os variados indivíduos existentes, suas diferentes ideias, raças, contextos, crenças e valores.

Reconhecer a beleza e a riqueza da diversidade significa aceitar outras ideias e tipos de saberes, além de negar o autoritarismo, a padronização e reconhecer que a diversidade cultural implica em relativizar esse saber a fim de compreendê-lo com mais empenho e respeito a partir de seu contexto. Gênero, raça, etnia, orientação sexual, religião, classe social e deficiência são algumas das variáveis que estão se impondo e se empoderando na

⁵ *sophia*, do grego *koiné*: σοφία *sophía* "sabedoria". Saber/sabedoria (do lat. sapere) Em um sentido genérico, sinônimo de conhecimento, ciência. Na tradição filosófica, a sabedoria significa não só o conhecimento científico, mas a virtude, o saber prático: "Por sabedoria (*sa-gesse*), entendo não apenas a prudência, mas um perfeito conhecimento de tudo o que os homens podem saber" (Descartes, Princípios da filosofia, p. 15).

contemporaneidade, formando novos sujeitos políticos que demandam ao Estado e à sociedade reconhecimento e políticas inclusivas.

Dessa forma, a importância que se tem em se falar sobre multiculturalismo quando o assunto é empoderamento é de extrema valia neste trabalho porque não somente porque como vimos anteriormente, o empoderamento é um poder pessoal que todo indivíduo possui e assim sendo, é importante pensarmos sobre a diversidade desses indivíduos que o possuem, com o intuito de compreender a multiplicidade de indivíduos e saberes, a partir de diversos aspectos, contextos e condições distintas.

A fim de falarmos sobre multiculturalismo, ou seja, sobre uma pluralidade de culturas é necessário entender o foco que diferentes áreas do conhecimento dão à cultura. Na Sociologia, disciplina que estuda sobre o ser humano e seu meio social, por exemplo, o foco de estudo são as relações entre indivíduo e sociedade; entre a ideologia e a cultura; a divisão social do trabalho e os movimentos sociais, entre tantos outros temas. Constituindo assim uma área das ciências sociais que se preocupa e estuda acerca da multiplicidade de idéias humanas, sobre a multiplicidade dos populares existentes, hábitos e variadas crenças e contextos sociais.

Como podemos perceber, em especial em nossa atualidade, o fenômeno da globalização tende a uniformizar valores culturais, resultando no predomínio daqueles que se originam nos pólos economicamente dominantes, países industrializados e dominantes e que a partir disso fragilizam as culturas minoritárias. É a tentativa de igualar e homogeneizar as culturas que é motivada pelo processo de globalização econômica, que influencia na nossa produção televisiva e que por consequência pode afetar o modo de pensar do indivíduo e de nossa sociedade como um todo.

Os teóricos antecessores ao multiculturalismo podem ser evidenciados no século XX a partir da teoria crítica que surgiu na Alemanha no final da década de 20: a célebre Escola de Frankfurt, a qual construiu o que chamamos de uma sociologia do conhecimento. Faziam parte dessa escola grandes teóricos como Horkheimer, Adorno e Benjamin, que chamavam a atenção para o fato de que com o liberalismo crescente e a concentração de riquezas decorrente disso, a capacidade de utilizar o pensamento crítico estava desaparecendo e dando lugar a individualistas egocêntricos. Por último, há o multiculturalismo Crítico – que questiona a origem das diferenças, criticando a exclusão social e a política, as formas de privilégio e as hierarquias, apoia os movimentos de resistência das minorias e a diferença deve ser respeitada e os conflitos negociados.

Segundo Muniz Sodré em sua obra *Antropológica do espelho* de 2002, o jornalista e sociólogo brasileiro, o reconhecimento da diversidade cultural se baseia principalmente no orgulho de quem se é e do que se representa independente do tipo de cultura (erudita ou popular). Na escola, reconhecer essa diversidade deve levar o professor a expandir o conhecimento dos alunos a respeito de outras realidades e culturas, propondo que a diversidade seja, na verdade, uma forma privilegiada de sociabilidade.

2.1.1 PRECONCEITO E ESTIGMA

Como vimos até aqui é importante percebermos que a filosofia deve criar conceitos e repensá-los, sendo um dos conceitos basilares a compreensão das diferenças entre indivíduos, que se dão somente a partir de características físicas e biológicas que as distinguem, como a cor dos olhos ou a estatura, por exemplo. Não somente, é importante lembrar que as pessoas também se diferem umas das outras a partir de suas funções de hábitos, crenças, valores e atitudes que internalizam em função das práticas culturais do ambiente onde vivem e do contexto ao qual estão inseridas. Sendo compreendido o preconceito como um julgamento preconcebido de um indivíduo como melhor que outro por conta de alguma característica ou mais merecedor de direitos se manifestando por meio de atos discriminatórios (exemplo, o machismo, o racismo) e o estigma algo que impute alguma coisa a alguém por alguma característica.

Quando respeitamos e somos sensíveis à diversidade humana somos capazes de promover uma inclusão social e o contrário, o desrespeito, traduzido pela orientação de que todos devem ser iguais, acaba promovendo o contrário, a exclusão social. Segundo a psicóloga Pollyana Aparecida Figueiredo Cunha, em seu texto “Neurociência e Educação: A Estimulação Cognitiva Como Possibilidade de Intervenção na Educação Inclusiva”, ‘diversidade’ significa: respeito às diferenças, ou seja, as variações que as pessoas possam ter em seus atributos, capacidades e comportamentos, particularidades, marcando a variabilidade de alterações, tanto do ponto de vista físico, quanto mental ou psicossocial.

Assim sendo, é necessário desigualar condições para igualar oportunidades, melhor dizendo, como o desenvolvimento humano é marcado pelas diferenças, precisamos compreendê-las e respeitá-las com a intenção de que possamos todos nos desenvolver plenamente. Podemos perceber que um atributo ou comportamento pode ser motivo de inclusão e valorização, ou de exclusão e rejeição social, em função da sua historicidade e

contexto social. Porém é importante lembrar que a diversidade não é reduzida a uma característica exclusivamente individual e sim, que essa refere-se também a fenômenos e agrupamentos humanos e sociais; por existir um substrato social das diferenças.

Podemos perceber a partir da história da humanidade que algumas marcas ou diferenças já foram sinônimo de medo e repúdio ou mesmo de sentimentos opostos, como admiração e respeito. Por exemplo, existem culturas em que a mulher é estigmatizada e considerada como um ser inferior e impedida de estudar e trabalhar. Dessa forma podemos perceber que a função do estigma é de “controle social”, no sentido de se exercer um controle sobre os integrantes de determinado grupo social.

Em uma sociedade plural e democrática, deveria haver espaço para todos poderem se desenvolver – ao contrário disso, pessoas estigmatizadas acabam por não poder avançar, e o estigma acaba sendo uma potência reacionária.

2.2 O QUE É EMPODERAMENTO?

Podemos compreender o empoderamento como um conceito que engloba um processo de auto identificação, criação e utilização de recursos, instrumento que pode ser acionado de forma individual ou coletiva. É o entendimento que o indivíduo desenvolve a partir da compreensão do seu poder pessoal que ocorre a partir da conscientização de seus pensamentos, suas ideias, de suas vontades, de quem ele é, em respeito à sua alteridade que podem ser entendidos como meios de universalizar o conhecimento filosófico e o empoderamento de forma horizontal. Assim, o empoderamento é:

um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e instrumentos pelas pessoas, grupos e comunidades que se traduzem em um acréscimo de poderes e que lhes permite aumentarem a eficácia do exercício de sua cidadania. Em síntese, empoderamento se baseia no estabelecimento de autonomia e responsabilidade às pessoas na tomada de decisões e ações. [...] (MACIEL, 2015, p. 38)

Assim sendo, é importante destacarmos a importância do processo de empoderamento como um combate aos estigmas e preconceitos, isso porque como o próprio nome já diz, o preconceito é um conceito pré concebido, ou seja, sem a devida análise e compreensão dos conteúdos apreendidos, o que é completamente contrário a ideia da filosofia como um instrumento reflexivo do pensamento e como processo de empoderamento. Pensar em

empoderamento significa necessariamente atribuir poder ao indivíduo, um poder que ele próprio tem de si, de suas ideias e decisões. Estigmas, preconceitos são formas de limitar e segregar outrem a partir de suas particularidades e percepções próprias. Dessa forma, a fim de compreender a filosofia como um método de empoderamento é necessário se desvincular de ideias limitantes como essas, isso porque todo e qualquer indivíduo é capaz de pensar, ser, viver por si e não deve-se se limitar a percepção errônea e equivocada de outros.

Assim, a filosofia é a disciplina que cria conceitos e que a partir disso nos auxilia em nosso dia a dia, ideias e inclusive em nosso meio social. Dessa forma, ela é base quando pensamos em confrontar os problemas e discutir a diversidade, a fim de assim, ser capaz de contribuir com o processo de empoderamento de todo e qualquer indivíduo. O processo de empoderamento se dá a partir da noção de auto-poder que é algo que todo e qualquer indivíduo possui e que inicia-se nesta tomada de consciência do seu poder pessoal enquanto ser existente e participativo de uma sociedade. Sendo assim, considero de extrema importância debatermos sobre conceitos como diversidade, multiculturalismo, inclusão e exclusão social a fim de melhor compreendermos como se dá o processo de empoderamento isso porque esses conceitos são pilares importantes na construção do processo de empoderamento, por esse se tratar de um processo que todo e qualquer indivíduo pode desenvolver. O empoderamento é o exercício reflexivo da consciência que identifica em si mesma o seu poder pessoal e a partir disso, consegue auxiliar nos na conscientização e no exercício diário do indivíduo sob seus direitos, vontades e desejos. (MACIEL, 2015, p. 38).

2.2.1 O FEMINISMO E O EMPODERAMENTO

A discussão de empoderamento é importante, sobretudo para mim enquanto mulher e as demais, trazer como exemplo a discussão sobre feminismo, por ser onde mais eu encontro e encontrei bases para me empoderar. Dessa forma, falar sobre feminismo implica em falar em empoderamento que por sua vez implica em defender necessariamente a independência feminina, sua alteridade e autonomia seja enquanto minoria seja enquanto cidadã.

O feminismo é o conjunto de movimentos políticos, sociais, ideológicos e filosóficos que visam como fim a igualdade entre os sexos e a incorporação dos direitos das mulheres em a nível privado e público. Como uma corrente filosófica, o feminismo é o pensamento que tem o intuito de afirmar e endossar os direitos das mulheres, seus interesses e auxiliar no processo de empoderamento destas. Isto ocorre porque a partir do momento que a mulher se

entende como um ser consciente, social e dotado de direitos e interesses próprios consegue se descolar do entendimento de ser subordinada ao sexo masculino rumo ao entendimento de se reconhecer enquanto um indivíduo dotado de autonomia, direitos, interesses próprios além de ser um ser independente. Sendo o mundo um local historicamente patriarcal, onde os homens sempre foram mais “importantes”, ocuparam cargos de maior prestígio, subestimaram as competências e intelecto das mulheres durante anos e tradições, além de objetificarem o sexo feminino, o feminismo é a vertente filosófica do pensamento crítico que vai de contra essa herança histórica e contra a naturalização do sistema patriarcal afim de retornar as mulheres o poder que é delas por direitos além de reafirmar seus direitos sociais e interesses pessoais. É interessante também dizer que o movimento feminista busca relacionar-se com outros grupos também de minorias auxiliando no processo de empoderamento de todo e qualquer indivíduo.

É necessário elucidar que o feminismo não é constituído por uma única história, mas sim por uma multiplicidade de histórias. Assim como defendera a pensadora feminista Ella Shohat⁶ (1998) ao afirmar que devemos falar em feminismos no plural, para contrapor à ideia de que possa se tratar de algo homogêneo (proposta contra-hegemônica). Na história do feminismo, este forma-se junto a uma narrativa eurocêntrica cuja ideia central é representar mulheres lutando para se empoderar no ocidente e, futuramente, se difundir para o mundo “atrasado”.

Apenas no final dos anos 1980 com o conceito de diferença é que a base de boa parte da teoria feminista multicultural sobre gênero nos Estados Unidos desaguou numa crítica frontal ao feminismo gestado no centro. A categoria gênero obscurecia ou subordinava todos os diferentes “outros”, e as feministas de países ditos periféricos reivindicaram teorias próprias, criticando os universalismos. A contribuição das mulheres não brancas, em sua maioria lésbicas, foi imensa no processo de reconstrução do feminismo por justamente elaborarem críticas a respeito do racismo, da homofobia e do colonialismo nas teorizações das intelectuais brancas do Primeiro Mundo. Sendo assim, essas mulheres não brancas propuseram uma linguagem que estivesse atenta às relações de poder presentes na sociedade e dentre as feministas que participaram deste cenário, encontramos a filósofa bell hooks (1994). É importante salientar que foi somente após quase 20 anos que o livro foi lançado no Brasil, trazendo contribuições extremamente atuais, o que acaba por nos elucidar também a desvalorização, a falta de investimento e de livre circulação de debates como estes.

⁶ Hoje, nos Estados Unidos, ela é uma das principais pensadoras sobre as articulações entre cinema, teorias feministas e estudos pós-coloniais.

CAPÍTULO 3 - FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

A filosofia tal qual como a ciência e as artes, como vimos anteriormente segundo Deleuze e Guattari, são base para todo o conhecimento humano criado. Dessa forma, é fundamental pensarmos como a filosofia se encaixa junto às coisas no mundo a fim de melhor compreendermos como a filosofia pode nos auxiliar em nossas vidas a partir da criação de conceitos e na elaboração de nossas ideias, é importante pensarmos não somente que as pessoas saibam apenas matérias de uso prático mas também que se ensine a pensar sobre elas. O ensino é edificante e ele juntamente com a filosofia se configura num ato revolucionário que pode auxiliar o estudante a partir da experiência filosófica a pensar por si, a construir suas próprias ideias e defendê-las. Dentro de sala de aula ou não, é por meio da educação que podemos promover uma mudança de mentalidade em diversos indivíduos e construir novas formas de pensar. Dessa forma, a partir do momento que o educador consegue acessar a curiosidade crítica de alguém ele é capaz de fomentar o ato reflexivo que por fim visa o empoderamento do indivíduo.

3.1 FILOSOFIA E EDUCAÇÃO COMO UMA PEDAGOGIA REVOLUCIONÁRIA E DE RESISTÊNCIA - A FILOSOFIA COMO UMA PRÁTICA DA LIBERDADE.

Ao longo dos 14 capítulos contidos na obra da filósofa bell hooks percebemos a importância de existir uma educação revolucionária, que busca preparar os alunos e futuros cidadãos para o mundo. A autora evidencia a partir da sua narrativa o quanto aprendeu desde cedo que a devoção ao estudo era um ato contra-hegemônico, a fim de resistir às estratégias de colonização, o que a leva a falar em uma pedagogia anticolonial, o aprendizado como revolução.

No primeiro capítulo “Pedagogia engajada”, a autora conecta suas ideias com a obra de Paulo Freire (educador, escritor e filósofo pernambucano) e descreve como o autor brasileiro permitiu-lhe compreender as limitações do ato pedagógico que ela mesma havia tido como aluna e, ao mesmo tempo, como ela inspirou-se em professoras que a auxiliaram a transgredir fronteiras; algo que ela percebe e a incentiva à dar um passo além das aprendizagens que mais se parecem com a rotina de uma linha de produção.

No segundo capítulo do livro, bell hooks se inspira em Martin Luther King para propor uma revolução de valores que coloque as pessoas contra os sistemas de dominação, questionando a própria universidade e seu papel de partilhar a verdade a partir de parcialidades. hooks defende também que no interior dos movimentos feministas revolucionários é preciso reivindicar continuamente a teoria dentro de um exercício de ativismo libertador, sendo necessário valorizar teorias que sejam partilhadas não apenas na forma escrita, como também na forma oral, algo que a categoria da experiência pode assegurar. No capítulo que segue, ela aborda como alunos de grupos marginalizados têm tido suas vozes silenciadas dentro das instituições de saber. A filósofa cria uma estratégia pedagógica que assegura, por meio de diferentes ferramentas, que esses alunos possam falar, que suas experiências sejam relatadas a fim de produzir novas teorizações. Experiência, neste caso, sendo considerada a partir de um ponto de vista que não se subordina aos demais tipos de conhecimento, como os científicos. hooks pondera que esse tipo de relação abusiva usualmente não se dá com as mulheres brancas de classes menos favorecidas, que também vivenciam mais cotidianamente situações de opressão.

No capítulo “Pensamento feminista: na sala de aula agora”, a autora comenta sobre sua experiência como professora de Estudos da Mulher e seu profundo comprometimento com a luta pela libertação negra, e logo após narra como se engajou e aderiu ao movimento feminista, o que a levou a constatar a tremenda ignorância sobre a experiência das mulheres negras, já que o comum era falar sobre a experiência de homens negros. Neste ponto a autora relembra que foi justamente por meio da aprendizagem dessa língua estrangeira que africanas(os) escravizadas(os) começaram a recuperar o poder pessoal dentro de um contexto de dominação. Logo após, a autora demonstra como as questões de classe são abafadas e silenciadas no contexto de sala de aula, e a partir disso há uma imposição de valores burgueses para todas(os) as(os) alunas(os). Relata a negação habitual de que a sala de aula é um lugar habitado por afetos, mostrando como tanto o ensino e o aprendizado são desapaixonados no ensino superior. A partir dos seus vinte anos de experiência docente, a autora conclui que a universidade não é um paraíso, mas que o aprendizado persiste como mais uma possibilidade de modificarmos algo.

3.2 FILOSOFIA NAS ESCOLAS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos

os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, [...] e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BNCC, 1996, p.7)

A Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira a fim de promover uma formação humana integral para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Porém é importante destacar que o que acontece em tese nem sempre se dá em ato. Ou seja, o que ocorre em teoria não se dá na prática e isso devido a uma má administração governamental além de uma política não progressista, não inclusiva e democrática. Podemos perceber ao longo da história de nosso país muitos exemplos dessa má-política aplicada a partir de épocas como a ditadura militar ou mesmo atualmente, em nosso atual governo e em anteriores como o governo Temer; momento inclusive que o dado documento sofreu grandes transformações e num sentido ruim, a partir da retirada de conteúdo e disciplinas basilares da educação do currículo nas escolas. É interessante ressaltar que essa ideia de não permitir a existência e o estudo dentro de determinados assuntos dentro de sala de aula não ocorre despreziosamente e se dá devido a uma tentativa de silenciar determinadas áreas do saber além de segregar ideias e indivíduos. É um ato reacionário que gera fortes e danosas consequências para a educação e os cidadãos de nosso país. É importante salientar que não é ato que isso ocorre, mas devido a um medo de que o indivíduo saiba dos seus direitos, tenha acesso a determinados saberes e conhecimentos exercendo assim sua cidadania e um pensamento independente e não se submeta a ordens e imposições de outrem. Dessa forma, devido a uma má administração dos que governam nosso país, e um interesse de silenciar determinados saberes como dito anteriormente, o documento da BNCC deve discutir sobre si mesmo e re-elaborar as disciplinas e conteúdos trabalhados dentro de sala de aula nas escolas de todo o país. Sem essa auto-crítica que deve ocorrer na base da educação não podemos defender a existência e o estudo de filosofia nas escolas. Não somente porque seria negar o auxílio que a filosofia pode nos oferecer na tarefa de construir conceitos, mas também negar a própria liberdade do próprio pensamento e de expressão. Sendo assim, discutir sobre o documento da BNCC e a existência da Filosofia no ensino é de extrema importância quando falamos de empoderamento e pensamento autônomo, em especial nos dias atuais; Isso porque, uma vez que o documento visa definir os conteúdos e disciplinas trabalhados dentro de sala de aula com o estudantes pode auxiliar ao estudante na tomada de

um pensamento próprio e o ensino da filosofia no ensino médio por si só caracteriza uma educação livre, emancipatória e inclusiva por ser esta ser um pensamento fundamentalmente crítico. Sendo assim, é significativo considerar a existência e a importância da inserção do ensino de filosofia na Base Nacional Curricular Comum a fim de considerar a filosofia como um possível método de empoderamento do indivíduo que deve estar presente desde a educação curricular até a liberdade do pensamento .

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) determina que a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, tal qual como propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o país. Guiada por princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A partir dessas definições busco estabelecer aqui um debate, afetando o processo de construção do currículo nacional, em particular dos contextos de produção. Isso porque a BNCC trata-se de relações sociopolíticas que influenciam a concessão e implementação das reformas curriculares e que, por outro lado, as forças políticas e o contexto de produção determinam a construção do currículo nacional. É importante que nesse processo procuremos, ainda, conhecer as percepções dos atores que configuram e constroem o currículo nacional brasileiro, caracterizar o contexto de produção do currículo em termos jurídicos, políticos e discursivos e identificar alguns dos constrangimentos que dificultam ou inviabilizam esse processo. Nesse sentido, ao longo do texto pretendemos discutir a pertinência, ou não, da implementação de um currículo nacional num país intercontinental e multicultural de grandes proporções como o Brasil, em que o contexto de influência envolve disputas e embates.

3.2.1 FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Baseando-se na ideia que as crianças têm a conseguem pensar abstratamente desde muito cedo levou o filósofo Mathew Lipman à convicção de que desenvolver o estudo da lógica na educação infantil poderia ajudar a melhorar a habilidade dessas crianças de raciocinar. A partir da pesquisa de campo que realizei na Escola Sempre, localizada no Lago Norte, pude perceber a efetividade da proposta “Filosofia com crianças”, com o auxílio de

textos do filósofo americano Matthew Lipman, que é reconhecido como fundador da filosofia para crianças, pude trazer esta disciplina para indivíduos mais jovens. Como grande parte dos autores citados, a filosofia de Lipman decorreu de sua experiência como professor. Tendo trabalhado na Colomby University, Lipman constatou a dificuldade dos seus alunos para raciocinar e dessa forma, procurou desenvolver junto aos seus alunos a habilidade de raciocínio, particularmente a partir da lógica. Baseando-se na ideia que as crianças têm a conseguem pensar abstratamente desde muito cedo levou o filósofo à convicção de que desenvolver o estudo da lógica na educação infantil poderia ajudar a melhorar a habilidade dessas crianças de raciocinar.

Também me guiei durante essa experiência com o auxílio do texto “Entre o passado e o futuro” da filósofa Hannah Arendt (p. 274) no qual a autora argumenta que a essência da educação é o fato de que os seres humanos nascem para fazer parte do mundo e que nós como educadores, temos o dever de apresentar o mundo para esses novos cidadãos.

Pude perceber na pouca experiência (mas de extrema importância para minha formação como educadora), durante meu estágio na Escola Sempre a relevância de se conversar e debater acerca da filosofia com crianças no ensino fundamental e como sua abordagem pode modificar e muito auxiliar na construção e formação de indivíduos competentes, reflexivos, autônomos e inclusive, com maior consciência coletiva.

É importante pontuar que a proposta de estudar filosofia com crianças não diz respeito à ensinar conceitos complexos ou autores da área, mas aproximar sempre que possível a criança ao pensar filosófico, como um ato de reflexão, de questionamento, ponderação, no qual a criança é capaz de se perceber como sujeito criativo, reflexivo, autônomo, ativo e capaz de possuir um senso crítico acerca da realidade que ela vivencia na sua escola, e na sua vida de forma geral. Com base em dinâmicas diversas realizadas dentro de sala de aula, leitura de livros adaptados ao tema e à idade das crianças, leitura de histórias que puderam auxiliar no processo reflexivo-filosófico, dentre outros meios, pude obter um retorno satisfatório na prática pedagógica que me propus.

A ideia é situar a filosofia como uma das dimensões da forma de compreender e transformar o ser humano e o mundo; ensinar que o conhecimento filosófico está também presente em outras áreas de conhecimento, como na matemática, na música, na dança, nas artes, e em tantas outras áreas que as crianças desde cedo tem acesso.

Isto posto, lembramos que a filosofia, como visto anteriormente, antes de se tornar algo complexo à maneira que a estudamos nos dias atuais, é, antes de tudo, é parte do processo reflexivo, psicológico e espiritual de um sujeito e deve ser estimulado e compreendido como um exercício do pensamento reflexivo. A filosofia é capaz de fornecer ao indivíduo uma percepção mais ampla e profunda acerca da sua existência, o que pode lhe suscitar questionamentos capazes de trazer esse indivíduo ao esclarecimento de si e do mundo.

Todas as dinâmicas, conversações mantidas entre os educadores com os alunos e as atividades propostas dentro da escola são concordantes com o projeto de Filosofia com crianças. As crianças ao mesmo tempo que devem organizar o que bagunçam, também auxiliam na pequena horta da qual elas comem os alimentos, o que é capaz de ensinar às crianças a importância dos alimentos, como eles chegam até nós e como é importante darmos atenção ao que comemos e a experienciar com maior intensidade.

A escola também propõe um dia no qual todos os colegas podem levar diversos brinquedos para interagir e se divertirem, o que acabou por me conferir a impressão de uma relação de harmonia entre as crianças, linear, na qual fora mantida a alegria, estimulada a criatividade, o diálogo e também a experimentação da diversidade dos jogos e dinâmicas. A iniciativa que surgiu da orientadora da escola de escrever nomes de importantes e diversos filósofos nas portas das salas de aula manifestou muita curiosidade nas crianças, curiosidade essa que as educadoras da escola souberam aproveitar e alimentar para promover debates entre os alunos.

Segundo Souza (2013) a compreensão que tive a partir das experiências dentro da Escola Sempre é de que a filosofia é uma grande aliada na formação do indivíduo, que a proposta de trazer para crianças nos seus primeiros anos de formação é de extrema importância e urgência, principalmente nos dias atuais. Para o filósofo americano Matthew Lipman, as crianças, ao entrarem em contato com essas atividades, consideram as personagens como amigos semi-imaginários que apresentam para elas, a partir dessas historietas filosóficas, um contato direto com seu imaginário, lhes proporcionando uma abertura a um outro mundo no qual a criança pode se apropriar e compartilhar de ideias, e refletir sobre conceitos filosóficos como a ética e a moral, por exemplo, formando e desenvolvendo um sujeito filosófico.

3.2.2 FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Como vimos anteriormente, o contato com a Filosofia é algo que deveria ser estimulado desde muito cedo e que não deveria cessar, em especial durante a fase da adolescência. Isso porque é precisamente nesse momento que o indivíduo se entende como ser consciente existencialmente e dono de suas próprias ideias, pensamentos e decisões. É nesse momento que o estudante começa a mais exercer e aperfeiçoar seu senso crítico a fim de se afirmar enquanto ser vivo, maduro e responsável de sua própria vida e ideias. Não somente, é durante essa época que o aluno do ensino médio apreende uma visão mais ampla do mundo que vive e da dimensão de suas escolhas e visa a escolha de seu futuro. Dessa forma se torna imprescindível a existência do ensino de filosofia no ensino médio por tornar possível ao aluno essa compreensão e uma reflexão mais séria acerca de si, do mundo e de suas vontades. Isso porque a Filosofia como estrutura fundamental do pensamento pode e muito auxiliar o aluno de ensino médio em sua vida e em suas decisões futuras além de fortalecer e enriquecer o senso crítico e autônomo do pensamento de todo e qualquer adolescente, em qualquer contexto.

Analisando a obra *Filosofia no Ensino Médio* e Walter Kohan (GALLO, 2000), que defende que Filosofia é a experiência fundamental do pensamento que nos permite equacionar um determinado problema e que a aula de filosofia tem como objetivo oportunizar ao estudante a possibilidade da experiência filosófica, ou seja, a experiência com o pensamento conceitual. A obra em questão surge a partir de 20 anos de experiência do autor Silvio Gallo e reúne os resultados de pesquisas realizadas por este na área e a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. e outro que conta com a proposta de que a obra sirva como uma espécie de bússola que mostre um caminho que será construído pelo professor, por cada docente de filosofia.

Gallo e Kohan buscam defender o uso do texto filosófico em sala de aula como metodologia para a prática do filosofar com os alunos do Ensino Médio, promovendo contato com os conhecimentos filosóficos na sala de aula. Dentro de sala de aula, no ensino médio, podemos perceber que essa situação decorre do fato de que a filosofia não é bem abordada e apresentada aos alunos. É possível vermos professores que não são formados em filosofia dando aula da matéria e docentes que não sabem como apresentar e manter o interesse dos alunos perante esse conhecimento milenar e de uma autocrítica latente que nos conecta com o empoderamento que a *sophia* pode nos trazer. É neste contexto que o professor de filosofia

pode perceber o que impossibilita que suas aulas sejam mais significativas no Ensino Médio e que os alunos sintam-se acolhidos em um ambiente de caráter crítico de acordo com os fatos e com as ações que o cercam.

A partir desta perspectiva, podemos melhor compreender como é importante que o ensino de Filosofia seja realizado por meio de aulas expositivas, através de debates, analisando e levantando questões sobre a realidade atual de nossa sociedade, unida aos textos clássicos da filosofia e contemporâneos, buscando a construção de divergentes visões e referências.

É importante lembrar que aprender a filosofar só é possível a partir de um diálogo crítico que se estabelece com a filosofia. A partir das competências e talentos filosóficos de cada um é possível se realizar e pôr-se à prova na atividade de compreender e criticar com maior seriedade a filosofia do passado, presente e pensar-se novas ideias para uma possível filosofia do futuro.

Dessa forma, a prática da Filosofia na escola deve fortalecer, sobretudo, o senso crítico dos alunos, isso a partir dos questionamentos insaciáveis em relação a determinados temas, fatos, ações, pensamentos, sentimentos. É importante salientar que o ensino de Filosofia deve despertar um conhecimento de caráter universal, que visa o desenvolvimento de uma educação que não se concentra apenas na sala de aula e na escola, mas que ultrapasse os muros desta; Nessa perspectiva, desenvolver um ensino de filosofia eficaz pressupõe a utilização dos textos clássicos dos filósofos que proporcionaram a perpetuação da filosofia na história, ocasionando o desenvolvimento da criticidade dos alunos na escola.

A ideia é levar para os adolescentes a experiência da atividade reflexiva que a filosofia traz a partir do processo de elaboração de conceitos de valores, de experiências pessoais e subjetivas, que pode ser alimentada, sustentada e provocada pelos educadores de filosofia. Esse processo como um todo pode ser entendido como um desafio didático para esses educadores uma vez que eles devem a partir destas experiências com alunos suscitar e alimentar essa atividade filosófica reflexiva dentro de sala de aula.

A partir deste contato direto com a leitura advinda da fonte dos textos clássicos de filosofia o estudante de filosofia consegue conhecer a raiz do pensamento, de um filósofo específico sem que isso tenha sido corrompido por uma interpretação ou comentário levantado por um intérprete ou comentarista de um dado filósofo, possibilitando ao estudante,

a partir do que fora dito pelo filósofo estudado, criar e/ou recriar o seu conceito com o que venha a ser debatido.

A partir da compreensão da filosofia como método de ensino e baseando-se em uma filosofia da educação, podemos desenvolver análises sobre a atual situação do ensino de filosofia no Ensino Médio, discutindo os problemas que a disciplina se depara na prática do seu ensino. Assim, dialeticamente, associando teoria e prática de forma indissociável, é viável discutir e planejar propostas de aulas para o ensino de filosofia, visando que as mesmas possam ser significativas para o professor e para os alunos. Sendo o ensino médio uma fase de consolidação do jovem, de sua personalidade, de seus anseios, a filosofia tem aí um importante papel e uma colaboração.

Ou seja, fundamentando-se em uma metodologia de Ensino de Filosofia nas escolas pode-se notar que é viável que esse ensino ocorra em qualquer série de forma interessante e compreensível para os alunos. Os quais podem propiciar aos estudantes o desenvolvimento da sua criticidade e reflexão, além de possibilitá-los a capacidade de criar e recriar conceitos, como propunham os filósofos Deleuze e Guattari (1992).

3.3 O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

A proposta é pensar de que modo o pensamento e sobretudo a filosofia como parte constituinte da educação é potencial para esse desenvolvimento do autopercepção individual e coletivo e porque essa esfera vem sofrendo tantos ataques e uma crescente desvalorização. Ou seja, a filosofia tem papel fundamental na construção do mundo imaginário que o ser humano necessita pra viver, pra existir, pra construir a sua vida de forma mais harmônica, emancipatória e realizadora e isso vale para todo e qualquer indivíduo que com ela se compromete.

De acordo com Corrêa e Morgado em sua obra *A construção da Base Nacional Comum Curricular no Brasil* (2018), a produção do texto da BNCC, de acordo com o Ministério da Educação (MEC) resultou de um processo de construção democrático, com consultas públicas para “ouvir” a comunidade escolar. Embora exista ainda muita nebulosidade em torno da Base Nacional Curricular Comum e da percepção do futuro da filosofia como uma unidade curricular do Ensino Médio, passemos por hora às possibilidades,

buscando assim perceber alguns pontos de reflexão e hipóteses acerca do tema⁷, baseando nossa pesquisa em Filho e Carvalho (Juvenal Savian Filho (Unifesp), Marcelo Carvalho (Unifesp), Vinicius Berlendis de Figueiredo (UFPR), que defendem o ensino da filosofia como um ato de resistência, que ocorre a partir da ação dos professores que por sua vez parte dos alunos e do Conselho da Escola, que inicia movimentos de conscientização acerca da continuidade da filosofia como unidade curricular e sobre sua importância na formação humana.

Me parece que somente assim podemos conseguir efetuar e circular amplamente “modelos” de compreensão e de ação, visto que estamos tomando uma direção pessimista e mesmo derrotista numa amplitude maior de nossa política e sendo assim, acaba-se que muitos de nós nos resignamos cada vez mais diante da ideia de que a filosofia foi tirada do Ensino Médio, o que não é bom para ninguém, mas sobretudo para nós, professores e estudantes de filosofia.

Partindo do pressuposto defendido por Silvio Gallo de que a Filosofia é experiência fundamentalmente do pensamento, que nos permite equacionar um determinado problema, defendemos que o objetivo de uma aula dessa disciplina seja oportunizar ao estudante a possibilidade da experiência filosófica – ou seja, a experiência com o pensamento conceitual – e propomos que trazer esse saber para o professor do Ensino Médio inevitavelmente possibilita e viabiliza essa perspectiva na disciplina.

A partir do momento que o aluno experimenta essa imersão em suas próprias ideias e a busca pela fundamentação destas, ele é capaz de desenvolver um pensamento crítico voltado a si e aos outros, como um instrumento de auto aperfeiçoamento que se dá desde a organização de suas ideias até sua vida diária enquanto indivíduo constituinte e participante de uma sociedade.

Dessa forma, a Filosofia é uma dessas coisas que o ser humano desenvolveu como instrumento de auto aperfeiçoamento do pensamento que a partir disto, é capaz de promover a emancipação de todo indivíduo. Seja a partir da leitura dos clássicos e da interpretação dos conceitos criados por estes, seja como criador de conceitos, propriamente dito ou num contato dentro de sala de aula; A filosofia é capaz de promover o esclarecimento e a libertação da dependência do pensamento de outrem e de ordens impostas que não respeitam a diversidade ideias e pessoas.

⁷Fonte: <http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/artigos-em-destaque/1584-a-bncc-e-o-futuro-da-filosofia-no-ensino-medio-hipoteses>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos concluir que a filosofia pode ser uma grande auxiliadora no nosso processo de esclarecimento e da tomada de alteridade de todo e qualquer indivíduo podendo auxiliar no processo de empoderamento. Isso se dá desde o afeto que podemos desenvolver por ela, a partir de uma amizade verdadeira que nasce e que desenvolvemos a partir da compreensão que se dá do conteúdo estudado e até a utilização desta em nossa vida diária. Como vimos ao longo deste trabalho, a filosofia é a área do conhecimento que visa criar, construir conceitos e que a partir de seu meio, conforme vimos segundo o conceito deleuzeano de geofilosofia, possibilita ao indivíduo aplicar essas elaborações conceituais em sua vida diária e prática facilitando-na. Podendo inclusive auxiliar o indivíduo a viver melhor e de maneira mais harmônica consigo e com o mundo em que existe além de considerar, como vimos anteriormente, a multiplicidade de ideias, de culturas, etnias, raças etc e a partir disto, a existência de diversos epistemes. Podendo também auxiliar, como vimos acima, ao indivíduo a não se deixar enganar por ideias castradoras e de controle social como a estigmatização e o preconceito, por exemplo, e a compreender que a diversidade é o que há de mais belo e significativo em nossa sociedade. Que direitos, palavras, ideias, conceitos tem importância, contexto e poder. Sendo assim, a filosofia pode ajudar o indivíduo a pensar, a partir de seu contexto, gênero, raça e classe social, sendo ele quem for podendo assim auxiliar em nosso caminhar, como uma grande amiga que busca clarear a névoa que podemos encontrar em nosso trajeto, nos ajudando e instruindo como melhor construir nossas ideias, conceitos e pensamentos, a fim de melhor lidarmos com nossa existência e com quem somos. A partir disso, a filosofia pode nos auxiliar a pensarmos de forma mais organizada e a melhor defendermos e compreendermos nossas ideias podendo ser uma grande auxiliadora na tomada de empoderamento de todo e qualquer indivíduo além de auxiliar na alteridade, nos afastando da ignorância e da dependência de outrem.

Ou seja, considero a Filosofia tanto de forma pessoal, como valendo também para o meio público, como uma auxiliadora do crescimento pessoal, acadêmico, profissional e político de um indivíduo por ser capaz de nos “mostrar” e desvelar o mundo adoecido e falsário que nos mantém reféns da ignorância e da ausência de conhecimento além de nos “devolver a visão” do mundo como um lugar mais justo, igualitário e composto por ideias.

Desta forma, considero imprescindível que busquemos auxílio desta amiga a fim de conhecermos melhor as coisas, a nós mesmos e o mundo porque esta pode nos conduzir a esse caminho que, mesmo que não menos tortuoso que a própria vida, pode nos garantir uma vida mais satisfatória e realista acerca das coisas, de nós mesmos e do mundo.

Dessa forma, considero este trabalho de grande relevância no meio acadêmico e social por representar a transgressão que tanto aguardamos em nossos tempos e por ser uma tentativa humilde de contribuir com a vida dos demais cidadãos; A Filosofia pode ser um método de empoderamento que consegue moldar e modificar a mentalidade de todo e qualquer indivíduo contribuindo com o reencontro consigo mesmo e o conduzindo para onde ele realmente deseja e decide estar. Não obstante, considero a Filosofia uma auxiliadora do meu crescimento pessoal enquanto ser social, acadêmico e profissional que pôde me auxiliar em minhas competências e realizações.

Finalmente, podemos concluir que a filosofia pode ser um método eficaz na obtenção e desenvolvimento da alteridade, do empoderamento, do esclarecimento de qualquer indivíduo por apresentar a este indivíduo o prazer e a experiência da dúvida que o conduz a refletir e por fim, a tomada de decisão baseando-se em suas críticas, vontades e escolhas. encontram-se agora respondidas nesta tese com a resposta primordial de que a Filosofia é a área do conhecimento que visa estudar o conhecimento, desenvolver a autocrítica do indivíduo para esclarecer e empoderá-lo e conseqüentemente contribuir com o meio social e a realidade destes indivíduos e quem sabe, transformá-la e torná-la mais igual e simples de todos existirem.

Penso como futura evolução deste trabalho, propor uma pesquisa acerca do tema A filosofia enquanto um método progressista no mundo, no sentido de melhor desenvolver a abordagem proposta aqui, da filosofia enquanto método de empoderamento do indivíduo, por considerar o empoderamento o princípio que desagua e caminha para um mundo mais igualitário, justo, progressista, humanista, que deve ser buscado e vivido o quanto antes.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação: III e IV. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972. tradução feita por ALMEIDA, Ferreira Fábio

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

CORRÊA, Adriana; MORGADO, José Carlos. A construção da Base Nacional Comum Curricular no Brasil: tensões e desafios. Anais do Colóquio Luso-Brasileiro de Educação-COLBEDUCA, v. 3, 2018

CUNHA, Pollyana Aparecida Figueiredo. Neurociência e Educação: A Estimulação Cognitiva Como Possibilidade de Intervenção na Educação Inclusiva. Brasília: UnB. Trabalho de Conclusão de Curso da UnB, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo : Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.

DESCARTES, René. Princípios da filosofia. Lisboa, Portugal. Textos Filosóficos, Edições 70.

DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix. 'O Que é A Filosofia?'. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Editora 34, 1992.

GALLO, S.; KOHAN, W. *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós - Modernidade*. Tradução: Tomaz, 2006. edição 11.

HOOKS, Bell. *Teaching to transgress. Education as the practice of freedom*. Nova York/Londres: Routledge, 1994

HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman : Black women and feminism*. South End Press 1981

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. terceira edição revista e ampliada, Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: [dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf \(raycydio.yolasite.com\)](http://dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)

DELEUZE, Gilles, e GUATTARI, Félix. 'O Que é A Filosofia?'. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Editora 34, 1992.

LIPMAN, Matthew. *Filosofia para Crianças*. 1999

MACIEL, Diva Albuquerque. *Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar*, 2015

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. pp. p. XXIV

MUNIZ, Sodré. 2002. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunica o Linear e em Rede*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.

SHOHAT, Ella, *Talking Visions: Multicultural Feminism in a Transnational Age* (MIT & The New Museum of Contemporary Art, 1998)

SOUSA, Tania Silva de, *O Ensino de Filosofia para Crianças na Perspectiva de Matthew Lipman*. UNESP, São Paulo. 2013

FILHO, Juvenal Savian - Unifesp; CARVALHO, Marcelo - Unifesp; FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis de - UFPR; *A BNCC e o Futuro da Filosofia no Ensino Médio - Hipóteses* Disponível em:

<http://www.anpof.org/portal/index.php/en/artigos-em-destaque/1584-a-bncc-e-o-futuro-da-filosofia-no-ensino-medio-hipoteses> visitado no dia 20 de novembro de 2019 às 14:13.

SOUSA, Tania Silva de, O Ensino de Filosofia para Crianças na Perspectiva de Matthew Lipman. UNESP, São Paulo. 2013. disponível em: [taniaSouza \(unesp.br\)](mailto:taniaSouza@unesp.br)